

EUGENIA, POSITIVISMO, DEGENERACÃO: A PERCEPÇÃO EVOLUTIVA DE H. G. WELLS EM *THE TIME MACHINE*

EUGENIA, POSITIVISM, DEGENERATION: AN EVOLUTIONARY PERCEPTION BY H. G. WELLS IN *THE TIME MACHINE*

*Kauana Silva de Rezende*¹

Resumo: Este artigo pretende analisar o romance *The Time Machine*, de H. G. Wells, interpretando-o como uma crítica a elementos da sociedade britânica de sua época, no que condiz aos pressupostos darwinianos e às discrepâncias educacionais e sociais de sua contemporaneidade. A teoria da evolução de Charles Darwin é explorada no livro de Wells à medida que o autor insere seu público em um mundo distópico, no qual se percebe uma distinção da visão positivista de progresso que permeava o século XIX.

Palavras-chave: H. G. Wells; *The Time Machine*; progresso; degeneração; darwinismo.

Abstract: This article intends to analyze the novel *The Time Machine*, by H. G. Wells, interpreting it as a critique of the elements of the British society from its time, in what is consistent with the Darwinian assumptions and the educational and social discrepancies of its contemporaneity. The theory of evolution of Charles Darwin is explored in Wells's book when the author inserts his audience into a dystopian world, in which one perceives a distinction in the positivist vision of progress that permeated the nineteenth century.

¹ Estudante do sétimo período do curso de História – Licenciatura e Bacharelado da Universidade Federal do Paraná. Bolsista do Grupo PET História UFPR. E-mail para contato: kauanarezende87@gmail.com. Endereço para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2149264497539586>.

Keywords: H. G. Wells; The Time Machine; progress; degeneration; darwinism.

Introdução

“Por quais desenvolvimentos singulares a humanidade teria passado, quais os seus avanços maravilhosos sobre nossa civilização rudimentar [?]” (WELLS, 2017: 36). Este é o questionamento que o Viajante do Tempo, de *A máquina do Tempo*, se coloca ao iniciar sua viagem ao longínquo futuro da humanidade, situado no ano de 801.702. Tal presunção do personagem em encontrar um futuro monumental, marcado pelo progresso e pela superioridade da sua civilização relaciona-se a um conjunto de ideais, denominados por Rossi (2000) de teoria do progresso, que no século XIX encontrou terreno profícuo em várias áreas do conhecimento. H. G. Wells ao longo de sua narrativa desconstrói essa percepção ao apresentar um futuro marcado por figuras degeneradas e um mundo desprovido de crescimento material. Desta forma, este trabalho busca retratar algumas interpretações possíveis para essa narrativa, inserindo-a dentro de um debate científico de discussão das teorias darwinistas e eugênicas, assim como o entendimento da participação deste autor nas discussões do período sobre a evolução da humanidade. Compreende-se Wells como um crítico das relações sociais da sociedade londrina daquele período, dentro de uma concepção darwinista que entende o progresso e a evolução da sociedade humana a partir de pressupostos éticos e socialmente construídos.

Este livro retoma a ideia de viagem no tempo, apresentada pelo autor já em *Chronic Argonauts* (1888) e foi escrito em um período em que

o Wells “teve tuberculose e tinha duas famílias para sustentar enquanto se aventurava na carreira de escritor” (IACHTECHEN, 2015: 73). À publicação completa da obra pela editora Heinemann precede a publicação em ensaio, dividida em partes pela *National Observer* em 1894 e pela *New Review*, entre janeiro e junho de 1895.

Ainda na atualidade a obra de Wells merece destaque dentro das produções de literatura de ficção científica - conta com várias edições desde sua publicação, sendo a mais recente uma edição comentada da Zahar de fevereiro de 2019. Além disso, o romance ganhou duas adaptações ao cinema, uma de 1960, dirigida por George Pal e outra em 2002, de George Verbinski e Simon Wells.

H. G. Wells

O autor Herbert George Wells nasceu em 21 de setembro de 1866, no subúrbio de Bromley, Londres, na Inglaterra e faleceu no dia 13 de agosto de 1946. Wells conta com uma extensa obra publicada, que permeia diversos gêneros literários, desde romances, contos, novelas a artigos científicos e textos jornalísticos, além de ter contribuído para periódicos e transmissões radiofônicas que realizou, já no século XX, na Inglaterra, Estados Unidos e Austrália. Impelido por sua mãe a entrar no ramo comercial, Wells trabalhou durante sua juventude como aprendiz no segmento de tecidos, ramo que não lhe agradava e pelo qual adquiriu uma experiência que pode ter influenciado sua visão negativa das condições de trabalho da classe operária no século XIX. Além disso, o literato estudou e

trabalhou como professor assistente de Ciências em 1883 na *Midhurst Grammar School*, até conseguir uma bolsa de estudos na *Normal School of Science*, de South Kensington, na qual começou a estudar no outono de 1884 e onde tomou contato com os pensamentos de Thomas Henry Huxley - pensador e defensor das teorias darwinistas.

Os escritos deste autor, especialmente os provenientes das últimas décadas do século XIX e início do XX, relacionam-se com a difusão de ideias científicas, especialmente através dos “romances científicos”, como *A máquina do Tempo* (1895), *O homem invisível* (1896), *A ilha do Dr. Moreau* (1897), *A guerra dos Mundos* (1898) e *Os primeiros homens na Lua* (1901). Trabalhos repletos de conceitos da ciência apresentados de forma imaginativa e fantasiosa em mundos distópicos, o que rendeu ao autor, junto com Júlio Verne, o epíteto de precursor da ficção científica. Fora isso, posteriormente em sua carreira, diferente do pessimismo empregado no que Iachtechchen considera sua “1^a fase”, Wells se inclina a um utopismo e a escritos voltados para reformas sociais. Este autor é enxergado como um grande anti-vitoriano e antecipador dos problemas sociais do século XX (IACHTECHEN, 2015: 19-24).

Com relação ao contexto no qual Wells estava inserido, o final do século XIX foi marcado por transformações econômicas, sociais e científicas que influenciaram diversos debates no período e que se fazem notar na escrita de Wells. Como citado, o autor Huxley influenciou no pensamento e nas discussões propostas pelo autor de disseminação do conhecimento científico, visto que, “O ano que passei nas aulas de Huxley

foi além de qualquer dúvida, o ano mais educativo da minha vida”. (WELLS apud IACHTECHEN, 2015: 36)². A concepção desse professor a respeito da necessidade da divulgação científica em um contexto de reformulações do ensino público, mais debatidas após o *Education Act*, de 1870³, colaborou para a visão de Wells sobre a importância da difusão da ciência para um público não especializado, assim como sua percepção sobre a relevância das políticas sociais e reformas educacionais. Tais ideias podem ser percebidas em *A Modern Utopia* (1905), do qual infere-se que o acesso das classes sociais mais pobres, por meio do Estado, à educação, era importante para o processo de desenvolvimento constante da sociedade (PARTINGTON, 2000).

Percebe-se como o avanço da tecnologia e da ciência, após a segunda metade do século XIX, e o seu possível emprego na indústria geraram tais debates a respeito da necessidade de transformações no sistema de ensino. Isso se insere em um panorama muito maior de modificações que afetaram o ocidente após a década de 1860-1870 e, em especial a Grã-Bretanha. Rondon sinaliza esse processo,

² Tradução. No original: “The year I spent in Huxley’s classes was beyond all question, the most educational year of my life”.

³ Lei pela qual se começou a tratar mais especificamente a respeito da oferta de educação na Grã-Bretanha. Atos posteriores discutiam também a obrigatoriedade da educação para as crianças. Ver: PARLIAMENT UK. *The 1870 Education Act*. Disponível em:

<<https://www.parliament.uk/about/living-heritage/transformingsociety/livinglearning/school/overview/1870educationact/>>. Acesso em 25 maio 2019.

Esse período da história tecnológica que vai desde o começo do século XVIII até aproximadamente 1860 ou 1870 é melhor caracterizado como a da era artesão-inventor. Daí em diante, porém, as teorias científicas formaram cada vez mais a base dos processos produtivos, nomeadamente nessas indústrias novas como a electricidade, a óptica e a química orgânica; mas elas também influenciaram grandemente os desenvolvimentos técnicos na metalurgia, na produção de energia, no processamento e preservação de alimentos e na agricultura, para mencionar apenas os campos mais proeminentes (RONDON, 2004: 226).

É nesse contexto de crescimento das descobertas físicas, matemáticas e biológicas e da crescente busca de se traduzir suas descobertas à população, novo público formado pelas reformas educacionais, que podemos inserir a obra *A Máquina do Tempo*, de H. G. Wells (OTIS, 2002: 9).

São tais mudanças, favorecidas a partir dos avanços científicos, que permitiram o que a historiografia frequentemente caracteriza como *Segunda Revolução Industrial*, marcada pela utilização da eletricidade e do aço e inserida em um momento de mudanças demográficas, urbanísticas e sociais. Tais transformações teriam afetado também a disseminação de conteúdos informativos, além de colocar em xeque concepções antes cristalizadas na sociedade vitoriana. O exemplo que talvez mais tenha gerado discussões e quebras de paradigmas no século XIX foi as reverberações na biologia e na perspectiva teológica que a teoria darwinista suscitou, após a publicação de *A Origem das Espécies* em 1859, por Charles Darwin. A partir da Teoria da Evolução, a percepção de uma imutabilidade das espécies, pautada em uma visão divina da criação, foi

cada vez mais contestada, influenciando, inclusive, outras áreas do conhecimento (IACHTECHEN, 2015: 39-40). No final do século XIX várias correntes darwinistas disputavam terreno, dentre elas o darwinismo social huxleyano que influenciou o pensamento wellsiano sobre o processo evolutivo.

O biólogo britânico Thomas H. Huxley, em seu trabalho *Evolution and Ethics* (1984) expõe sua teoria de uma evolução ética em contraposição à percepção da sobrevivência evolutiva do mais apto. Para ele, a sociedade não estaria submetida somente a uma luta pela sobrevivência como a dos outros animais, mas poderia dirigir a sua evolução pautando-se na lógica e na razão, o que ele denominou de “processo ético” perante o “processo cósmico”. Wells em seu jornalismo científico de 1890 adota essa concepção, posto que compreendia que, “embora a raça humana não seja isenta de instinto, sua capacidade de raciocinar tornou esse instinto infinitamente maleável através da ‘educação moral’ ou, na frase de Huxley, através do ‘processo ético’”⁴, assim como defende que:

“a batalha não é mais a humanidade contra a natureza, mas a batalha moral de adaptar o ‘processo artificial’ ao ‘processo natural’ nas palavras de Wells, ou o ‘processo ético’ ao

⁴ Tradução. No original: “Wells believed that, although the human race is not without instinct, its ability to reason made that instinct infinitely malleable through ‘moral education’ or, in Huxley’s phrase, through the ‘ethical process’”.

‘processo cósmico’ nas palavras de Huxley”⁵ (PARTINGTON, 2000: 97-98).

Desta forma, assim como em seus escritos jornalísticos, acredita-se que a influência huxleyana também se desenvolveu na escrita de seu romance *The Time Machine*, como veremos adiante.

O viajante do tempo e a concepção de progresso oitocentista

Neste livro, o universo futurístico construído pelo autor no ano de 801.702 parte de uma aplicação da lógica darwinista através da ficção. No romance, um narrador nos conta o enredo de um viajante do tempo, que viaja através da quarta dimensão e que vive episódios que desconstroem sua perspectiva inicial sobre o que deveria ser a evolução técnica e intelectual da humanidade. O personagem principal defronta-se ao longo da história com a temível percepção de que a espécie humana se degenerou em duas subespécies, a dos Elois e a dos Morlocks, que se relacionam de maneira interdependente, frutos da evolução.

Em um primeiro momento, podemos perceber como o autor parte de visões científicas que estavam presentes em seu contexto. A ideia da quarta dimensão já havia aparecido em autores como Oscar Wilde (1887) e Charles Hinton (1884). Wells expõe também princípios básicos que posteriormente viriam a fazer parte da teoria da relatividade

⁵ Tradução. No original: “(...)the battle is no longer humanity against nature but rather the moral battle of adapting the ‘artificial process’ to the ‘natural process’ in Wells’s words, or the ‘ethical process’ to the ‘cosmic process’ in Huxley’s words”.

(IACHTECHEN, 2015: 55). Nesse sentido cita, inclusive, um professor contemporâneo à obra. Logo, este autor demonstra discussões atuais de seu contexto a respeito do tempo como quarta dimensão na geometria,

(...) andam indagando por que devem ser particularmente três dimensões (...) Essas pessoas tentaram mesmo elaborar uma Geometria Tetradimensional. O prof. Simon Newcomb⁶ está expondo essa teoria à Sociedade Matemática de Nova York (...) (WELLS, 2017: 10).

Além disso, também podemos enxergar a opção do autor por trabalhar com um tempo histórico tão incomum e longínquo devido às suas experiências enquanto estudante, visto seu contato com discussões científicas e geológicas sobre a origem e formação da Terra. Isto permitiu a ampliação da baliza temporal do autor em relação à perspectiva de história comum até então, pautada na acepção religiosa (IACHTECHEN, 2015: 85).

Visto por outra perspectiva, podemos compreender o livro *A máquina do Tempo* como uma caracterização de como a sociedade vitoriana se enxergava, com seus avanços tecnológicos e sua perspectiva iminente de progresso e harmonia social no porvir. Por conseguinte, poderemos depreender também que Wells realiza uma crítica aos rumos

⁶ Matemático e astrônomo, nascido em Wallace, Nova Scotia em 1853. Estudou na *Lawrence Scientific School*, da *Harvard University*, onde se graduou em 1858. Tornou-se professor de matemática na U.S. Navy em 1861 e foi nomeado para o observatório de Washington onde trabalhou por 10 anos. Foi também professor de matemática e astronomia da *Johns Hopkins University* (1884-93) e fundador e primeiro presidente da *American Astronomical Society*. Faleceu em Washington, D.C., no ano de 1909.

que a evolução humana poderia atingir mediante as condições sociais londrinhas daquele período.

Diante disso, em um primeiro momento a viagem no tempo se torna algo palpável no universo criado pelo escritor, não devido a abstrações imaginativas, mas sim diante da possibilidade concreta exposta na construção de uma engenhoca, um mecanismo tecnológico, em que

“[A] alavanca, quando apertada, faz a máquina deslizar para o futuro e que esta outra reverte o movimento.(...) Daqui a pouco, vou apertar a alavanca e colocar a máquina em funcionamento. Ela vai ficar primeiro transparente, depois entrar no tempo futuro e então desaparecer” (WELLS, 2017: 17).

A perspectiva do Viajante em direcionar-se para o futuro e não para o passado reflete o anseio recorrente no XIX da especulação e a compreensão de que o que daria inteligibilidade ao presente seria o futuro, e que tudo estaria em relevo a ele. O historiador Hartog (2017), caracteriza essa forma de compreensão da história através do que ele chama de regime de historicidade moderno, que foi expresso por muitos intelectuais do oitocentos, estes construíram filosofias da história e visavam a significar o futuro através de conceitos abstratos, de uma história universal do progresso⁷.

⁷ Autores como Georg Wilhelm Friedrich Hegel e Immanuel Kant são exemplos de filósofos que elaboraram filosofias da história no século XVIII e que vão influenciar as percepções positivistas do século XIX, através da idealização de uma marcha para a história de progressão universal - seja concebendo que o desenvolver da história é a realização da Ideia e que o final da história é a liberdade

Nesse sentido, a expectativa do viajante do tempo se baseia num progresso material e da raça humana no futuro, que podemos compreender como pautado pela percepção positivista de mundo. Segundo Barros (2001) o paradigma positivista herdou do Iluminismo do século XVIII a ambição de encontrar leis gerais para a experiência histórica, assim como a uniformidade da natureza humana, mas acrescentou à percepção de progresso a ideia de ordem, afim da defesa conservadora dos objetivos da recém assentada burguesia dominante.

A autora Anahita Rouyan traz luz ao modo como o viajante do tempo na narrativa de Wells representa a visão de superioridade do homem britânico frente ao seu tempo, que é exposta na narrativa através da caracterização dos personagens encontrados no futuro (ROUYAN, 2017: 1-18). A maneira como o personagem expõe e deduz suas explicações sobre os Elois e os Morlocks permite-nos inferir sua concepção de superioridade vitoriana. Mesmo que ele estabeleça uma relação com uma das figuras dos Elois, ele cita que perante eles, “[se] sentia igual a um professor no meio de crianças em idade escolar”, e que eles “não conseguiam manter por muito tempo seu interesse sobre coisa alguma. Eles corriam para perto de mim com gritinhos de espanto, como fazem muitas crianças” (WELLS, 2017: 49); se referindo ainda aos Morlocks ele cita que “era impossível imaginar qualquer traço de humanidade naquelas coisas repelentes.” (WELLS, 2017: 116).

sobre um Estado, como fez Hegel, ou que a história está fadada à ação inexorável das leis da natureza e ao Estado cosmopolita, como propõe Kant.

Nesse sentido, ao caracterizar os Elois com características humanas, mesmo que degeneradas, e os Morlocks como animalescos, o viajante do tempo na narrativa do escritor reforça hierarquias concebidas no século XIX pelo pensamento imperialista. A classificação dos Elois como crianças, frágeis e infantis, utilizada para pautar sua inferioridade intelectual, reforça noções hierárquicas que os autores Mcclintock e Dentzien atribuem ao nacionalismo britânico. Esses historiadores demonstram como as construções de gênero transpassaram o nacionalismo, visto que

a subordinação da mulher ao homem e da criança ao adulto era vista como um fato natural, as hierarquias no interior da nação puderam ser expressas em termos familiares para garantir a diferença social como uma categoria da natureza (MCCLINTOCK, 2010: 523).

Portanto, eles nos apresentam como o homem é visto como personificação do progresso linear, elemento que o viajante não encontra no futuro de Wells e que é retratado com o desapontamento dele perante aquele espaço e seus habitantes.

(...) seriam estas criaturas mentalmente limitadas? Dificilmente vocês poderão entender como esta ideia me abalou. Vocês não de compreender que eu sempre antecipara que as pessoas do ano Oitocentos e Dois Mil ou coisa assim estariam incrivelmente à nossa frente em termos de conhecimento, arte e tudo o mais (WELLS, 2017: 44).

Diante deste trecho, podemos inferir como paulatinamente o personagem vai perdendo sua crença inicial de que o futuro estaria repleto de avanços tecnológicos e intelectuais. Portanto, cumpre-se perceber como a construção de um personagem modelo frente às perspectivas oitocentistas de progresso humano e material, bem como da sua decepção frente ao mundo degenerado encontrado pelo personagem ao longo do livro, inserem-se no modelo de evolução do autor. Estaria tal representação relacionada a uma crítica do ideário positivista de progresso oitocentista? Acerca isso, pontua-se que Wells poderia estar relacionado ao escopo de intelectuais que, segundo Rossi (2000) buscaram desmistificar a aura do século XIX de crença no desenvolvimento científico e seu progresso, posto que frente aos que acreditavam

que a humanidade passa incessantemente do bom para o melhor, da ignorância para a ciência, da barbárie para a civilização, havia milhares de páginas escritas por filósofos, psiquiatras, antropólogos, sociólogos, jornalistas e romancistas sobre o tema da degeneração (ROSSI, 2000: 123).

Ou, ao contrário, as projeções presentes na obra *The Time Machine* não comporiam uma crítica própria do autor ao progresso, mas às formas sociais de seu presente, que Wells percebia como prejudiciais à própria evolução da humanidade?

A máquina do tempo: noção de evolução proposta por Wells

H. G. Wells ao longo de seu livro construiu sua narrativa da mesma forma que ele acreditava funcionar o método científico, visto que o viajante do tempo progressivamente modifica suas especulações e hipóteses interpretativas sobre aquele novo mundo à medida que realiza novas descobertas. Logo no início da obra, após algumas observações sobre aquele ambiente e o modo de vida dos estranhos seres que o habitavam, o homem vitoriano conclui que eles viviam sob um comunismo, pois todos dividiam os mesmos dormitórios em grandes salões, se vestiam igualmente e não havia resquícios de famílias e de direitos de propriedade⁸. O personagem então tenta explicar tal sociedade por meio da ideia evolucionista. Ele parte da premissa de que os esforços dos homens para a realização de melhorias das condições sociais, assim como do constante controle e manipulação da natureza - fatores que ele acredita que já estivessem sendo desenvolvidos desde seu presente - encontrariam, naquele momento do futuro, seu ápice. Diante desse novo quadro da evolução, nem mesmo a força física era mais necessária porque o seu humano teria encontrado a harmonia com o mundo.

⁸ Aqui podemos perceber uma influência política dos pensamentos socialistas de Wells, que fez parte da Sociedade Fabiana, fundada em Londres em 1884, e que foi composta por diversos intelectuais do período. Essa sociedade acreditava que a forma de se chegar ao socialismo não seria pela revolução ou luta de classes, mas pela progressão humanista. Desta forma apostaram no pragmatismo, no gradualismo para a chegada ao socialismo, sendo que a tática era a de impregnação, assim como conferiam grande importância à educação e à difusão das idéias socialistas. Ver: SMANIOTTO, E. I. H. G. Wells: a ficção científica como romance social. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 93, fevereiro, 2009.

Todavia, ao longo da narrativa o desenvolvimento de novas assertivas desconstroem este pensamento. O evolucionismo darwiniano pensado por Wells propõe um paradoxo a essa percepção vitoriana de progresso, inicialmente apresentada pelo personagem. Uma vez que natureza e sociedade encontrassem o equilíbrio pelo avanço, isso não significaria a extinção dos processos de transformação, derivados da seleção natural e das mutações genéticas (MATHIAS, 2013: 56), visto que

Dentro das novas condições de perfeito conforto e segurança, aquela energia incansável que originara a nossa força resultaria em uma fraqueza. (...) Em condições de equilíbrio físico e plena segurança, qualquer poder, tanto intelectual como físico, deixa de encontrar um lugar (WELLS, 2017: 57).

Logo, frente ao desenvolvimento técnico e ao cientificismo cumulativo, a base civilizacional não teria finalidade, resultando em uma modificação progressiva da espécie humana na extinção destes aspectos.

Dionei Mathias demonstra como a teoria evolucionista, que pressupõe a transformação, é situada ao longo do livro sob vários aspectos, com a modificação das constelações, transformação das cidades, extinção da flora e fauna, dentre outros (MATHIAS, 2013). Logo, a argumentação de Wells é construída a fim de mostrar as degenerações promovidas por tais mudanças. Diante disso, o positivismo compreendido pela visão de progresso linear da humanidade, que em muitos autores pautou-se na teoria do darwinismo social como justificação da superioridade de determinados grupos no desenvolvimento das sociedade humana, também parece ser aqui

rompido, dada a acepção de que não houve uma evolução superior da humanidade tanto em termos tecnológicos quanto sociais.

Em face disso, cumpre-se pensar que proposições posteriormente formuladas em trabalhos como *A Modern Utopia* já são aqui esboçadas pelo autor, assim como suas críticas à Teoria da Eugenia formulada por Francis Galton. O termo eugenia, criado em 1883 por Galton pressupunha uma “seleção artificial”, visando ao aprimoramento da raça humana; considerava, portanto, a possibilidade de conceber um ser humano perfeito advindo dos processos eugênicos. Ora, Wells parece defender ao longo de seu livro que, mesmo com as condições perfeitas de desenvolvimento técnico e intelectual, a evolução não tem um fim, logo, não pode permanecer estática ou chegar a uma humanidade perfeita. Ele reitera isso no livro, uma vez que ao final da narrativa o viajante do tempo progride ainda mais no futuro em sua última viagem temporal e o que ele descobre é um mundo cada vez mais gélido e inabitável pela raça humana devido ao findar do Sol.

Ao longo de sua história, o personagem também se questiona como toda aquela perfeição é mantida sem desenvolvimento fabril, e ele obtém sua resposta quando começa a ter contato com a outra subespécie daquele mundo, os Morlocks, descritos como: “Coisa esbranquiçada, obscena e noturna, que me parecera mais um animal enquanto coriscava a meu lado, também era herdeira de todas as nossas idades” (WELLS, 2017: 82). Diante dessa descoberta, o Viajante começa a formular novas teorias a respeito da organização daquela sociedade e, a partir daí, reflete sobre como as

divisões sociais de seu presente poderiam, a longo prazo, não gerar uma maior prosperidade pelo avanço técnico, mas uma degeneração evolutiva. Em sua nova análise ele deduz,

[pareceu-o] claro como o dia que a ampliação gradual das diferenças sociais que no presente nos parecem ser apenas temporárias entre os Capitalistas e os Proletários era a chave para a compreensão completa desse distanciamento (WELLS, 2017: 84).

O enclausuramento do operariado ao subterrâneo teria o feito tornar-se adaptado a este ambiente, sensível à luz, com visão apurada, mais forte e inteligente e, em algum momento da escala evolutiva, por falta de alimento, passou a manter o grupo socialmente ocioso, que antes o explorava, como gado para alimentação.

Havia-se orientado [a humanidade] com tanta firmeza à busca do conforto e do lazer, à construção de uma sociedade equilibrada cuja palavra de ordem era a segurança e a capacidade de controlar seu mundo (...) Por certo tempo, a vida e a propriedade deviam ter alcançado uma segurança quase absoluta. Os ricos chegaram a ter plena certeza da permanência de sua abastança e conforto, os proletários seguros à sua maneira em seu estilo de vida mais grosseiro e em seu labor. (...) [mas] a inteligência não se desenvolve onde não há mudança nem necessidade de mudanças (...) Os seres humanos do Mundo Superior tinham derivado para sua beleza frágil, e os habitantes do Mundo Inferior para uma condição de mera industriosidade mecânica (WELLS, 2017: 134).

No que tange a isso, o autor enxerga a degeneração por meio da regulação da seleção natural, em que os mais fortes e adaptados ao ambiente sobrevivem, no caso os Morlocks, enquanto os mais abastados de seu tempo teriam regredido evolutivamente devido à posição confortável que possuíam, que com o passar do tempo substitui qualquer necessidade para o desenvolvimento humano destes. Portanto, se num primeiro momento o autor associa uma degeneração evolutiva ligada à segurança ambiental gerada pelo progresso, nesta segunda proposição, como descrevem Rouyan (MARSHALL, 2007: 11-12) e Taylor (MARSHALL, 2007: 15-16), Wells aproxima-se dos postulados de Huxley, a respeito da existência de um princípio ético na evolução humana. Nesse sentido, se os Elois foram, num primeiro momento, vistos como degenerados devido às condições mais profícias do ambiente, tal teoria não se adequa quando se percebe outra espécie com diferentes características ligadas a esta mesma evolução. Portanto, levam-se em conta os processos culturais e materiais ao se analisar tal desenvolvimento, nos quais as separações sociais, além das ambientais, entre as classes levaram à subdivisão da espécie humana. Logo, a evolução aparece não como inevitável, mas passível de modificação pelos humanos (MARSHALL, 2007: 15).

Essa interpretação de *A máquina do Tempo* permite que se infira uma crítica do escritor frente à sua realidade. Através do recurso literário da fantasia ele busca denunciar as mazelas da sociedade britânica à medida que deduz qual será a evolução degenerativa inerente a esse processo. A impressão que o autor transfere ao público é de que, se tal panorama não se

modificasse, uma catástrofe à humanidade poderia ocorrer, pois através de um vislumbre filosófico, de que o desenvolvimento da técnica levaria à prosperidade, deixavam-se de lado as consequências evolutivas deste processo industrial. Percebe-se como o autor não se mostra alheio ao seu período histórico ao utilizar justamente este argumento da distinção entre capitalistas e proletários para realizar sua explicação para a degeneração humana.

Através do estudo de Hobsbawm, podemos compreender que na Inglaterra, nas últimas décadas do século XIX, houve um processo de transformações estruturais que modificou a vida do operariado. Segundo tal autor, há uma maior inserção das questões trabalhistas na política, melhorias nas condições de vida e lazer dos trabalhadores; em suma, um “aperfeiçoamento modesto, irregular, porém claramente inegável, do padrão de vida de grande parte dos trabalhadores britânicos, o que não é questionado, nem mesmo entre os historiadores” (HOBSBAWM, 2000: 281). Todavia, isso surgiu atrelado, como ele ainda demonstra, a uma suburbanização da classe operária, com uma segregação cada vez mais clara entre os espaços desta classe com a mais abastada, seja no deslocamento dos operários para áreas mais periféricas, com divisão de bairros, ou na segregação entre os próprios artífices mais bem pagos e os em piores condições,

(...) houve uma segregação residencial crescente, devido tanto ao êxodo das camadas de classe média e de baixa classe média de áreas anteriormente mistas - este processo foi detectado na região

do East End de Londres - quanto à construção de novos bairros e subúrbios, destinados de fato exclusivamente a uma classe (HOBSBAWM, 2000: 285).

Frente a este panorama complexo da sociedade britânica, pode-se perceber como Wells não se mostra defensor dessas mudanças e reformas. O autor chega a citar a região de East End, em Londres, como um dos exemplos ao descrever a divisão social e a subjugação cada vez maior do operariado ao subterrâneo, que ele percebe já no seu tempo,

(...) mesmo em nossa sociedade já existem circunstâncias apontando nesse sentido. Já demonstramos uma tendência para a utilização de espaços subterrâneos para os propósitos menos ornamentais da civilização; existe a Ferrovia Metropolitana de Londres, (...) todas essas estruturas tendem a aumentar e a se multiplicar. Evidentemente, pensei eu, essa tendência se ampliaria até que a Indústria gradualmente perdeu seu direito de nascimento sob o céu. Quero dizer que foi sendo transferida cada vez mais para o fundo, com a instalação de fábricas subterrâneas cada vez maiores, com seus funcionários passando uma quantidade crescente de seu tempo no subsolo até que, no final... Mesmo agora, um operário do East End de Londres já não vive nessas condições artificiais até praticamente ser cortado da superfície natural da Terra? (WELLS, 2017: 84-85).

O autor pressupõe que, para o processo de degeneração que culminou com os Morlocks, a indústria foi paulatinamente transferida para o subterrâneo e a classe operária relegada a esse espaço. Mostra-se, então, uma hipótese que acentua ao máximo um processo de divisão de espaço

entre as classes, que o autor apropria de sua contemporaneidade, por exemplo, na região de East End. Além disso, reitera-se como essa situação também deriva das relações econômicas e sociais, como a educação, pois:

[...] a tendência exclusiva das pessoas mais ricas - o que se deve, sem dúvida, ao progressivo refinamento de sua educação e ao alargamento do golfo existente entre elas e o mundo de rude violência em que vive os pobres - (...) Ao redor de Londres, por exemplo, talvez metade das paisagens mais bonitas já foram fechadas contra intrusões. E esse mesmo golfo em constante alargamento - devido à extensão e às despesas envolvidas nos processos educacionais superiores e ao aumento das instalações e consequentes tentações dos hábitos refinados da parte dos ricos – (WELLS, 2017: 85).

Huntington interpreta isto como uma crítica moral do escritor ao seu tempo, "que tende a aceitar as divisões econômicas como algo 'natural', sem refletir, de fato, sobre as implicações horrendas para o espaço social" (HUNTINGTON, 1982: 52 apud MATHIAS, 2013: 61).

Com relação a esse contexto, a historiadora Maria Stella Bresciani, retrata como a discussão sobre os problemas da industrialização já estavam presentes na sociedade londrina. Muitos intelectuais, políticos, médicos e higienistas realizavam pesquisas e caracterizaram a degradação física e moral como resultado da miséria e da pobreza, que, para eles levariam, inclusive, à violência criminosa (BRESCIANI, 1984: 60-61). A burguesia, frente a este “monstro urbano” tendeu à separação física dos trabalhadores e burgueses e à busca por uma moralização do pobre com a intenção de

“moldar o cotidiano disciplinado e despolitzado do trabalhador” (BRESCIANI, 1984: 65).

Podemos perceber então, como esse apartamento dos pobres e dos mais abastados corrobora uma perspectiva não só higienista, mas eugênica da sociedade, posto que aquelas classes seriam concebidas como moral e, intelectualmente inferiores. Consequentemente, poderiam prejudicar a evolução da sociedade privilegiada. Infere-se que Wells poderia estar referindo-se a essas medidas de apartamento por meio de seu cunho eugênico e, a resposta do autor a isso é clara - mesmo com o distanciamento de classe e a melhor composição educacional das classes superiores, isso não garantiria uma formação de homens mais desenvolvidos naquele grupo social. Aqui, a crítica às proposições de Galton e a influência da evolução ética de Huxley parecem se fazer presentes, posto que não só a hereditariedade, como propunha aquele, levaria ao sucesso biológico, mas o ambiente e os fatores externos seriam importantes na formação e evolução do indivíduo.

Levando isso em consideração, se pensarmos no paradigma positivista apresentado por Barros, em que essa corrente de pensamento utiliza-se das noções de progresso e ordem para defender a permanência conservadora das relações de classe entre industriais e trabalhadores, Wells romperia com essa linha de pensamento, mesmo que possuísse pretensões ligadas à concepção de progresso coadunadas com a bioevolução, uma vez que acredita em um progresso pautado e direcionado pela racionalidade científica. Podemos entender isso porque a hereditariedade de alguém

dentro de uma classe social específica não influenciaria, para Wells, a superioridade deste indivíduo. Esta estaria relacionada muito mais aos fatores externos concatenados a tal classe social, ou seja, à educação e às outras políticas sociais ao qual teriam acesso. Compreende-se então a centralidade desses elementos no pensamento intelectual do autor. Em *A Modern Utopia*, segundo Partington (2000: 106) percebe-se que “Em vez de promover a criação seletiva, Wells desejava elevar os padrões educacionais e de saúde, a fim de dar aos filhos dos pobres oportunidades iguais de sucesso como os filhos dos mais abastados.”⁹. Isso seria condição na utopia do autor para o desenvolvimento progressivo da espécie humana.

Portanto, podemos perceber como em *The Time Machine* o conhecimento do autor sobre as paupérrimas condições educacionais e de moradias existentes nas cidades eduardianas são denunciadas à medida que, na concepção exposta no livro, partindo de uma evolução ética, o apartamento de classes não levaria a uma elevação da raça humana por meio da eugenia, como supunha Galton, mas poderia resultar ainda mais na degeneração da raça humana. Nesse romance, Wells parece então não partir da linha argumentativa que leva em conta a percepção dicotômica entre pobreza/inferioridade; riqueza/superioridade defendida por proposições eugênicas de seu contexto.

⁹ Tradução. No original: “Rather than promote selective breeding, Wells desired the raising of educational and healthcare standards in order to give the children of the poor equal opportunities for success as the children of the better-off.”.

Conclusões

H. G. Wells constrói um enredo que demonstra a frustração do seu personagem principal, o Viajante do Tempo, frente à não consolidação, no futuro, de um progresso material e intelectual da humanidade. Tal posicionamento do escritor denota certa crítica a concepções do século XIX, que por mais que não fossem hegemonic as como nos demonstra Paolo Rossi, estavam presentes no ideário do homem vitoriano, permeado pela construção das filosofias da história, que pressupunham uma marcha para a história e o fim progressivo para o mundo. Através do livro *A máquina do Tempo*, inferimos uma construção na narrativa que retrata, por meio do personagem principal, concepções que estavam disseminadas naquele presente, como o pensamento imperialista de superioridade, assim como a expectativa pujante no progresso e desenvolvimento do ser humano. Contudo, ao romper com uma visão progressista do mundo em seu livro, Wells não necessariamente realiza uma crítica às percepções positivistas, posto que ele mesmo possui influências positivistas aliadas a uma percepção de evolução ética pautada no conhecimento racional. Percebemos isso pois o próprio autor possui escritos que se voltam à especulação sobre como realizar o desenvolvimento da raça humana, como em *A Modern Utopia*.

Diante disso, o que se comprehende ao longo deste artigo é que a ficção, que no limite carrega pressupostos do pensamento evolutivo do autor, critica a organização social e econômica da sociedade eduardiana. Wells tensiona as divisões sociais que ele percebe em seu presente, e isto

ele retrata a partir da criação de um futuro distópico, em que a raça humana se mostra degenerada devido à segregação social e educacional, considerada crescente, entre a classe proletária e a capitalista. A tentativa de dominação por parte da burguesia do “monstro urbano”, visto como subproduto da industrialização, se apresenta como uma crítica à ideia de que a máquina e o controle total da natureza emancipariam o homem e produziriam inexoravelmente uma evolução positiva. Muito pelo contrário, Wells explora, a partir dos pressupostos da seleção natural, o modo pelo qual a evolução pode ser negativa, pois, se pautando no pensamento de Huxley, ele enxerga o processo evolutivo como permeado de concepções culturais e éticas.

Bibliografia

- BARROS, J. D'. A. Considerações sobre o paradigma positivista em história. *Revista Historiar*, Ceará, v. 4, n. 4, p. 1-20, jan./jun. 2011.
- BRESCIANI, M. S. M. Metrópoles: as faces de um monstro urbano (as cidades no século XIX). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 5, n. 8/9, p. 35-68, set. 1984/abr. 1985.
- HARTOG, F. Do lado dos historiadores: os avatares do regime moderno de historicidade. In. *Crer na História*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- HOBSBAWM, E. J. O fazer-se da classe operária, 1870-1914. In: _____. *Mundos do trabalho: novos estudos sobre história operária*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p. 279-304.
- IACHTECHEN, F. L. “Liberdade e limitação: determinismo, causalidade e unicidade”; “Tempo cósmico, tempo histórico”. In. *O argonauta de cronos: Estratos temporais em H.G. Wells Historiador*. 2015. 280 f. Tese

(Doutorado em História) - Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015. pp. 28-89.

MATHIAS, D. O Darwinismo na concepção espacial de *The Time Machine* de H. G. Wells. *Estudos Anglo-Americanos*. n. 40, 2013. Disponível em: <<http://ppgi.posgrad.ufsc.br/files/2014/10/reaa-40-DIONEI-MATHIAS.pdf>>.

MCCLINTOCK, A. Adeus ao paraíso futuro - Nacionalismo, gênero e Raça. In: _____. *Couro Imperial - Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

OTIS, L. *Literature and science in the nineteenth century - An anthology*. New York: Oxford University, 2002. pp. 9-15; 40-43. Disponível em: <https://www.academia.edu/5688286/Literature_and_Science_in_the_Nineteenth_Century_An_Anthology_Oxford_World_039_s_Classics>. Acesso em: 28 abr. 2019.

PARTINGTON, J. S. *The death of the Static: H. G. Wells and the kinetic Utopia*. *Utopian Studies*, Pensilvânia, v. 11, n. 2. p. 96-111. 2000.

RONDON, C. Desenvolvimento Econômico no século XIX: Determinantes Básicas. In: *História Econômica do mundo*. 2. ed. Belo Horizonte: Publicações Europa-América, 2004. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/4180653/historia-economica-do-mundo-rondo-cameron>>.

ROSSI, P. *De progressu verum cogitata et visa*. In: _____. *Naufrágios sem espectador - A ideia de Progresso*. São Paulo: Unesp, 2000. p. 111-144.

ROUYAN, A. *Resisting Excelsior Biology: H. G. Wells's The Time Machine and Late Victorian (Mis)Representations of Charles Darwin's Theory of Evolution*. p. 1-18. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/54611907/arouyan_wells.pdf?1507048896=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DResisting_Excelsior_Biology_H_G_Wells_s.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2019.

RUDDICK, N. *The fantastic fiction of the fin de siècle*. In: MARSHALL, G. *The Fin de siècle*. Cambridge: Cambridge University, 2007. p. 189-203. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/books/cambridge-companion-to-the-fin-de-siecle/6C671C4B76170F2F10F63918DF37CA75>>. Acesso em: 28 abr. 2019.

TAYLOR, J. B. *Psychology at the fin de siècle*. In: MARSHALL, G. *The Fin de siècle*. Cambridge: Cambridge University, 2007. p. 13-30. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/books/cambridge-companion-to-the-fin-de-siecle/6C671C4B76170F2F10F63918DF37CA75>>. Acesso em: 18 abr. 2019.

Recebido em: 18/08/2020.

Aceito em: 19/06/2020.